

## **DIÁLOGOS COM CURSISTAS DA LICENCIATURA DE HISTÓRIA DO PARFOR CAMPUS FLORESTA UFAC QUE ATUARAM NA EDUCAÇÃO E ESTÃO FORA DA SALA DE AULA**

### **DIALOGUES WITH CURSISTS FROM THE HISTORY LICENSE OF PARFOR CAMPUS FLORESTA UFAC THAT WORKED IN EDUCATION AND ARE OUTSIDE THE CLASSROOM**

*Joiciana Silva da Conceição<sup>1</sup>*

*Cliciana Silva da Conceição<sup>2</sup>*

*José Elenaldo Silva da Conceição<sup>3</sup>*

*Manuel Charles de Almeida<sup>4</sup>*

*Maria Érica de Lima Alves<sup>5</sup>*

*Maria Mirian Souza de Oliveira<sup>6</sup>*

*Taciano Silva da Conceição<sup>7</sup>*

#### **RESUMO**

O artigo aqui exposto aborda as experiências e vivências dos cursistas da licenciatura em História, do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) que estão em sala de aula e daqueles que estão fora. Centramos nossa atenção nos alunos de licenciatura em História do PARFOR, realizado no município de Cruzeiro do Sul, no Campus Floresta da Universidade Federal do Acre, no período de 2016 a 2020. Tendo como referencial metodológico José D' Assunção Barros (2008), ao que se acrescentam outros autores que aprofundaram o olhar sobre o projeto. Nosso intuito com o artigo foi registrar os relatos de vivências e experiências dos licenciandos, tomando como foco a exposição de pontos positivos e aspectos negativos no desenvolvimento do programa, de modo a auxiliar o aperfeiçoamento e manutenção do PARFOR para turmas futuras. A metodologia se deu pela elaboração de instrumento de pesquisa quantitativa, em formato de questionário e entrevistas, em que se buscou traçar um perfil socioeconômico, profissional e de experiências/vivências, agregando considerações e apontamentos dos graduandos, cujos dados tabulados resultaram do presente texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** PARFOR; Vivências; Cursistas que estão fora de sala de aula.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta. E-mail para contato: joicianagabriel@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduanda do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta.

<sup>3</sup> Graduando do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta.

<sup>4</sup> Graduando do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta.

<sup>5</sup> Graduanda do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta.

<sup>6</sup> Graduanda do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta.

<sup>7</sup> Graduando do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta.

## ABSTRACT

The article presented here addresses the experiences and experiences of undergraduate students in History, the National Program for the Training of Basic Education Teachers (PARFOR) who are in the classroom and those who are outside. We focused our attention on undergraduate students in History PARFOR, held in the municipality of Cruzeiro do Sul, in Campos Floresta of the Federal University of Acre, from 2016 to 2020. Having as methodological reference José D' Assunção Barros (2008), to which other authors who deepened their gaze on the project are added. Our intention with the article was to record the reports of experiences and experiences of licensors, focusing on the exposure of positive points and negative aspects in the development of the program, in order to help improve and maintain the program for future classes. The methodology was due to the elaboration of a quantitative research instrument, in the format of a questionnaire and interviews, in which we sought to trace a socioeconomic, professional and experiences/experiences profile, adding considerations and notes of the whose tabulated data resulted from this text.

**KEYWORDS:** PARFOR; experiences; course participants who are out of the classroom.

## 1. INTRODUÇÃO

O referido artigo, aqui exposto está em seu desenvolvimento organizado em quatro segmentos, a saber: no primeiro momento faremos uma breve explicação sobre o que é o PARFOR. Em seguida faremos a descrição de como se deu o processo de elaboração e aplicação do instrumento de pesquisa. Ao passo que numa terceira etapa será exposto os itens que compuseram o questionário e entrevistas. E por fim apresentamos os resultados dos dados tabulados do questionário a as entrevistas realizadas, onde os cursistas relatam como entraram no PARFOR e os motivos de estarem fora de sala de aula, ao que se seguem nossas considerações finais.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Cabe recordar que o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) é resultante da ação coletiva do Ministério da Educação (MEC), de Instituições públicas de Educação Superior (IPES), e das Secretarias de Educação dos Estados e Municípios, tendo estabelecido no país um novo regime de colaboração da União com Estados e Municípios

Por nossas próprias narrativas, no grupo compreendemos a magnitude do Programa, ampliando essa visão sobre nossa sala de graduação. E com base no nosso instrumento de pesquisa feita com o auxílio do google forms realizamos um questionário para saber o perfil socioeconômico e cultural. Dessa forma damos maior significado a proposta do PARFOR, pois com isso se consolidou o que já ouvíamos e percebíamos ao longo desses anos de convívio: dos

trinta e três alunos que estão encerrando o curso, temos 17 alunos e 16 alunas. A maior parte destes atuam com contrato provisório, e durante o período do curso ficam sem receber, enfrentando dificuldades financeiras, contudo nem por isso desistem do curso, pois têm a convicção que precisam ter nível superior. Já que isso além de melhorias no salário, abre novas portas. Todos são trabalhadores de rede pública. Outra semelhança encontrada também é que o maior número trabalha na zona rural, sendo 15,2% da rede municipal e 69,7% da rede estadual.

Com os dados levantados depreendemos que 64,7% dos cursistas são os principais responsáveis pela maior renda de seus lares e os primeiros a ingressarem em uma graduação. E sem o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), muitos não teriam condições de cursar nível superior, por possuírem famílias que dependem financeiramente deles. Inclusive os que são solteiros precisam ajudar na renda familiar ou são os principais responsáveis pelas despesas do lar.

Mas uma característica que nos chamou muito a atenção, foi o fato de que mesmo estando em um programa destinados a professores, alguns cursistas se encontram fora de sala de aula. Como é o caso da cursista Maria Gesualda Monteiro da Silva, de 25 anos, moradora da BR-364, Seringal Liberdade. Ao ser perguntada se no início do programa ela exercia o cargo de professora, respondeu:

Sim, eu trabalhava numa escola do 1º ao 5º ano lá no rio Liberdade. Na época, no caso em 2011, estávamos trabalhando, quando chegou o ofício da Secretaria do Estado de Educação, informando que havia aberto as inscrições da Plataforma Freire, para cursar os cursos do PARFOR. Todo mundo se inscreveu e quando veio a lista com o nome dos professores selecionados fiquei de fora. Então foi nos informado que iriam pegar esses professores que ficaram de fora para futuramente abrir uma turma de História e de fato aconteceu. (MONTEIRO DA SILVA, 2020).

Atualmente, Gesualda está no 8º período do curso e conta que muita coisa mudou na sua vida. Hoje ela se encontra fora de sala de aula, por motivos pessoais. Além disso, alega não ter passado em concurso recente. E que algumas vagas provisórias surgiram, mas, para localidades distantes e o salário não compensaria, ao que se soma ter criança de colo e por isso preferir ficar em casa. Ao finalizar a entrevista ela diz que pretende atuar na área da educação, pois é isso que gosta de fazer.

Realizamos outra entrevista com o cursista Levino Pequeno de Souza, 25 anos, indígena da etnia katukina. Ele relata que quando foi selecionado para fazer o curso de licenciatura em História pelo PARFOR, exercia a função de professor do 6º ao 9º ano na Escola Estadual Indígena YositishowoTâmākâyã. Ao ser questionado sobre os motivos que o levaram a se afastar de sala de aula, ele argumenta:

Logo depois que iniciei o curso, já pedi afastamento. Passei um ano sem trabalhar e depois no ano seguinte fui trabalhar como assessor pelo município representando a saúde indígena. Eu vi que a educação não estava funcionando de um jeito que pudesse agradar todo mundo, não tinha nada organizado, era tudo bagunçado e aliás os próprios gestores não tinham conhecimento e até hoje não possuem graduação. Com isso eu achava que não tinha oportunidade para que eu pudesse ampliar meus conhecimentos. Por isso preferi mudar de profissão e ir para a saúde indígena e até hoje atuo como assessor técnico e se Deus quiser vou até o meio do ano e depois não sei o que vai acontecer após essa graduação. (PEQUENO DE SOUZA, 2020)

Tanto na educação, como na saúde, Levino afirma que adquiriu conhecimentos para saber lidar melhor com as questões de seu povo e assim procurar uma maneira adequada DE ajudá-los. Mesmo recebendo uma proposta para ser gestor da escola de sua aldeia, ele recusou, pois tem mais afinidade em trabalhar com a saúde indígena. Questionado sobre as experiências adquiridas na educação, alegou:

Bom, no primeiro momento, eu fiquei surpreso, pois nunca tinha tido interesse de trabalhar como professor e como não tinha experiência encontrei muitas dificuldades, não tinha costume de estar na frente explicando algo para ninguém, com um mês já fui me adaptando e buscando orientações com pessoas que já eram experientes e tinham graduação. (PEQUENO DE SOUZA, 2020)

Levino fala ainda que há outros professores na referida escola sem graduação na área em que atuam e enfrentam dificuldades. Completou dizendo terem estes professores sempre buscar ajuda de terceiros para exercer sua profissão. Após 4 anos de licenciatura ele descreve que o PARFOR foi fundamental para a transformação de sua identidade. Levino diz que trabalhar como professor o ajudou muito, pois antes tinha muitas dificuldades de se apresentar em público e de debater qualquer assunto. Entretanto, sua atuação em sala de aula, trouxe aperfeiçoamento na Língua Portuguesa e grande experiência como mediador. Chamamos atenção para sua fala, quando ele diz: “ninguém só ensina, a gente aprende com os alunos, aliás aprendi muito com meus alunos, porque na época eu não sabia tanto”.

Em sua entrevista Levino conta também que foi atuando em sala de aula, tendo que trabalhar a cultura do seu povo, que resolveu fazer pesquisas com os anciãos, dessa forma foi se aprofundando e resgatando a memória cultural dos seus ancestrais. E hoje os alunos na sua aldeia colocam em prática. Ele pensa daqui a dois ou três anos voltar para a educação, tendo como maior objetivo resgate a origem a história do seu povo. Para ele a chegada da tecnologia nas terras indígenas enfraquece sua cultura e com isso vão perdendo sua identidade. E dando continuidade a entrevista, perguntamos a cursista o que o PARFOR trouxe para ele e sua opinião sobre esse programa, então, obtivemos a seguinte afirmação:

Quando eu fui selecionado eu não vim para a primeira disciplina, porque eu via que sempre o sonho de meus pais era pra que eu fizesse medicina, e depois quando eu fui selecionado para fazer em Cuba eu estava devendo a disciplina de Educação Física na

Escola Flodoardo Cabral e acabei não indo. Então me dediquei a outra área que achava que era importante; Biologia. Mas aí fui selecionado pra fazer o curso de História, então me pergunte, pra que vai servir um curso de história pra mim, e então, no primeiro momento eu me recusei, então quando descobri se a universidade tinha uma academia preparada pra debater a questão indígena, então o que me trouxe foi a curiosidade. Quando cheguei dei de cara com os professores mestres, doutores...isso me trouxe uma convicção, me apegando e entendendo que a história estuda a origem de todos os povos e assim descobri que posso ajudar a contar a história do meu povo. (PEQUENO DE SOUZA, 2020)

O cursista Levino Pequeno de Souza teve que sair do emprego para terminar a faculdade de história, pois tem convicção de que o curso é mais importante. Diz ser grande a relevância do PARFOR para os professores que trabalham na aérea rural, que não tiveram a oportunidade de fazer o curso regular. Mesmo sendo corrido e cansativo é preciso aproveitar essa oportunidade de adquirir novos conhecimentos, de modo a se tornar um profissional ainda mais capacitado.

No caso da cursista Mirla de Araújo Conceição, que atuou na rede básica de ensino na Escola Godofredo Sampaio no município de Rodrigues Alves durante três anos, sua saída da sala de aula se deve ao fato que trabalhava em contrato provisório, sem segurança nenhuma. Não tendo sido renovada sua contratação, a cursista ao fim do primeiro ano de graduação ficou desempregada. Naquela ocasião surgiu a oportunidade de trabalhar em uma empresa privada com carteira assinada. Diante disto, a cursista optou por sair de sala de aula e ficar num emprego de maior segurança trabalhista. Ademais o fato de ficar na aérea urbana e não ter que se deslocar para a área rural contribuiu bastante. Quando questionada sobre a sua atual profissão, ela diz:

Eu optei em ficar aqui mesmo na cidade e não ir trabalhar mais na zona rural, tendo que sair do meu conforto, da minha casa, para trabalhar como provisória pelo município. Hoje sou atendente de loja. Mas quando terminar o curso, eu pretendo me preparar para um concurso, espero que venha em breve, mas vou continuar atuando na minha área, como atendente de loja no posto. Até ter uma estabilidade financeira melhor, porque eu quero ser concursada, ser do quadro efetivo. (CONCEIÇÃO, 2020)

A graduanda Mirlade A. Conceição ressaltou a importância do PARFOR para a formação de professores, no entanto relatou que teve muitas dificuldades em ter que associar trabalho e estudo, já que o programa funciona de forma integral e a cursista trabalha no período da manhã. Tendo que se alternar entre o trabalho e as aulas, utilizando o quantitativo possível de faltas, as vezes perdendo muitos conteúdos e para continuar no curso conta muito com a compreensão dos colegas e professores. Ao ser questionada sobre o que acha a respeito da necessidade da continuação do PARFOR, ela falou que conhece colegas que estão atuando em sala de aula com apenas nível médio, então a partir da formação de novas turmas esses professores terão a oportunidade de terem uma graduação, dessa forma se tornarão profissionais mais capacitados aptos a estarem em sala de aula.

Por sua vez, ao entrevistarmos o licenciando Francisco Fabio Acácio da Silva quanto a sua saída de sala de aula, encontramos resposta similar aos demais cursistas que não estão atuando na educação, ou seja, dificuldade de renovação do contrato provisório e instabilidade. Ao ser questionado sobre se no início do curso, Francisco Fábio estava em sala de aula, ele nos respondeu:

Sim eu exercia a função de professor na escola D. Pedro II. Na época eu trabalhava com uma turma que funcionava do 1º ao 5º ano. E graças a Deus, agradeço a Deus, eu me inscrevi e fui selecionado para fazer o curso de história, eu não tinha muito conhecimento sobre história, hoje eu sei que vivo a história e tudo que a gente faz é história. (ACÁCIO DA SILVA, 2020)

Francisco Fábio relata que deixou sala de aula porque sua esposa adoeceu e como a escola que ele trabalhava ficava no rio Liberdade impossibilitava a atenção necessária ao seu lar. Isto porque a doença da sua esposa exigia cuidados especiais, circunstância em que teve de sair do trabalho para cuidar dela. Hoje Fabio é agricultor e estudante, situação da qual “tem muito orgulho”. O cursista disse que quando concluir, pretende trabalhar na sua área como professor. Quando questionado sobre que benefícios o PARFOR trouxe para ele, nos respondeu:

O PARFOR pra mim trouxe uma experiência, o PARFOR pra mim caiu do céu. Porque eu realmente não tinha condição de pagar uma faculdade. Agradeço muito, hoje estou me formando, lá no Liberdade na comunidade que eu moro, não tem ninguém formado. Eu serei o primeiro, isso pra mim realmente um privilégio. (ACÁCIO DA SILVA, 2020)

O cursista fala que o PARFOR transformou sua trajetória, e que hoje tem uma outra visão sobre a vida. Ele diz que até sua forma de falar com as pessoas mudou, hoje é uma pessoa ética. Fabio diz que quem quer aprender com o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) aprende. Pois tem professores capacitados para ministrar as disciplinas.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs como objetivo geral contribuir para a constituição de novas turmas de licenciaturas no Plano Nacional Formação de Professores da Educação Básica e promover aperfeiçoamento do curso através da coleta de dados, garantindo a manutenção do PARFOR. Ao realizarmos o projeto, no qual culminou na produção desse artigo, chegamos à conclusão que o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) é essencial para a que os professores que trabalham na área rural e estão atuando com uma

disciplina que não é sua área de formação ou mesmo para aqueles que ainda não possuem nível superior.

Embora seja bastante corrido e cansativo o PARFOR é um programa que traz muito conhecimento para quem realmente busca ter uma formação acadêmica. Essencial para aqueles que não tiveram a oportunidade ou a possibilidade de se manter em um curso regular. Podemos concluir também que durante o processo de formação do curso se fez a construção da identidade profissional dos cursistas, tendo como fator principal a isso as trocas de experiências em suas trajetórias, interações sociais e individuais entre os licenciandos.

Diante dos dados coletados, e de fatos relatados, concluímos que o PARFOR é imprescindível na vida desses profissionais de educação que trabalham nas áreas rurais. Principalmente aquelas de difícil acesso. Pois devidos aos salários baixos, poucos profissionais graduados aceitam trabalhar nessas localidades. Dessa forma as secretarias estaduais e municipais de educação sempre findam por contratar profissionais com apenas nível médio. Então esses educadores do Vale do Juruá tiveram a oportunidade de serem graduados através do PARFOR. E como a maioria são moradores dessas comunidades permanecerão lá após a conclusão do curso. Daí compreender que é indispensável a permanência do PARFOR para que cada vez mais tenhamos profissionais capacitados nas comunidades longínquas.

## REFERÊNCIAS

ACÁCIO DA SILVA, Francisco Fabio. **Narrativas das experiências de acadêmicos do Parfor, que não estão em sala de aula.** [Entrevista concedida a] Taciano Silva da Conceição. Cruzeiro do Sul, 15 de janeiro de 2020.

BARROS José D' Assunção. O Projeto de Pesquisa-aspecto introdutório. **Travessias** (UNIOESTE), v.02, p 19,2008.

CONCEIÇÃO, Mirla **Narrativas das experiências de acadêmicos do Parfor, que não estão em sala de aula.** [Entrevista concedida a] Taciano Silva da Conceição. Cruzeiro do Sul, 15 de janeiro de 2020.

MEDEIROS, E. A.; AGUIAR, A. L. O. Percursos de Formação: Experiências e Trajetórias (Re) Significados nas Histórias de Vida de Professoras no PARFOR. **Educação & Linguagens**, v.18, p 121-146 2015.

MONTEIRO DA SILVA, Maria Gesualda. **Narrativas das experiências de acadêmicos do Parfor, que não estão em sala de aula.** [Entrevista concedida a] Cléciana Silva da Conceição. Cruzeiro do Sul, 15 de janeiro de 2020.

PEQUENO DE SOUZA, Levino. **Narrativas das experiências de acadêmicos do Parfor, que não estão em sala de aula.** [Entrevista concedida a] Cliciana Silva da Conceição. *Cruzeiro do Sul*, 15 de janeiro de 2020.

PERTILE, Maria de Lurdes; AGOSTINI, Sandra. Estágio curricular supervisionado em História-PARFOR – UNICHAPECÓ: Limites e possibilidades. **História e ensino**, Londrina, v. 21, p. 265-282, jul./dez.2015

Data de submissão: 02/04/2020

Data de aprovação: 14/05/2020